

Boletim Informativo - 25/09 - Edição: 19

Entrevista – Cícero Bley e Herlon Goelzer

O ex-Superintendente de Energias Renováveis da Itaipu Binacional, Cícero Bley, e o Assistente do Diretor Geral Brasileiro da Usina, Herlon Goelzer de Almeida, são os entrevistados desta edição do boletim informativo em razão de décadas de trabalho voltado para as causas ambientais e a defesa do biogás como fonte renovável de energia.

Cícero Bley é engenheiro e atua há mais de 28 anos com a questão da sustentabilidade. Entre seus trabalhos, lançou em 2014 a obra “Biogás - A Energia Invisível”. Atualmente é o Presidente da Associação Brasileira do Biogás e Biometano (ABiogás).

Herlon Goelzer é engenheiro agrônomo, especializado em gestão pública pela Universidade Estadual de Ponta Grossa no Paraná e possui especialização em energias renováveis pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e administração rural pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi Diretor-Presidente da CEASA Paraná e Coordenador Técnico da Secretaria do Desenvolvimento e Assuntos Internacionais do Rio Grande do Sul. Atualmente coordena o SGS – Sistema de Gestão da Sustentabilidade.

Em entrevista ao boletim informativo, eles destacam a importância do biogás para a sociedade, o futuro dessa energia renovável e a necessidade de investir no biogás e de reaproveitar os dejetos animais, entre outras questões.

Qual o valor social que o biogás pode trazer para a sociedade e o produtor?

Cícero: A dimensão é a seguinte: o setor da cana de açúcar se notabilizou por produzir um produto chamado energia a partir de um resíduo chamado bagaço. Hoje, esse setor com o bagaço gera 15% da energia do Brasil. O que a cana de açúcar fez com o bagaço, o setor de alimentos pode fazer com o biogás, transformando o resíduo e os dejetos em energia. Um ponto que fez o conceito do biogás avançar é que ele foi internalizado em um sistema de desenvolvimento econômico local, que é um conceito de descentralização desse desenvolvimento. Na hora que descentraliza esse processo, percebe-se que existem fontes de energias renováveis que podem servir para o desenvolvimento local. Ao invés de querer fazer uma fonte universal brasileira, coloca-se um sistema paralelo de energia baseado no biogás, em que a produção é local para o próprio uso local. Essa é uma resultante de dez anos de desenvolvimento do biogás da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Não tem como universalizar esse processo, mas se criar um planejamento local regionalizando, por exemplo, o Oeste do Paraná, Sul de Minas, Oeste de Santa Catarina e Oeste do Rio Grande do Sul, é possível resolver o problema energético no próprio local.

Herlon: Temos que olhar o território e analisar que o biogás é uma energia descentralizada, e não uma energia que se produz lá no Rio Grande do Sul e depois enviada para São Paulo, por exemplo. Esta é melhor alternativa para os agricultores: usar a energia gerada por eles para eles mesmos, para funcionar uma agroindústria, usar no processo veicular, além de outros usos. Enfim, tem diversos usos que reduzem o custo de produção e aumentam a competitividade das cadeias agropecuárias.

O que pode ser pensado para o futuro do biogás?

Cícero: A sugestão que posso dar é que se faça um planejamento levando em consideração as regiões de produção, e nós temos instrumentos para identificar essas regiões. Por exemplo, onde existe produção de animais, existem unidades de frigorificação que são usuárias de energia em alto nível de consumo. É possível que o fornecimento local dessa energia sustente o desenvolvimento industrial também.

No caso das atividades de produção de suínos e bovinos, tem-se uma energia elétrica que hoje está sendo utilizada em um raio de 400 a 500 quilômetros no Sul ou três mil quilômetros no Centro-Oeste. Essa energia é retransmitida para ser usada em moagem de grão, em irrigação, fazer ração e movimentar os animais dentro das propriedades, e toda a mecanização e distribuição de ração. É uma energia muito cara para ser transportada. Imagina quantos quilômetros anda um caminhão para chegar até Sorriso (Mato Grosso) ou Foz de Iguaçu (Paraná). São muitos quilômetros que o diesel passeia quando, na verdade, você já tem um combustível na própria região. E para cada metro cúbico do biometano que se usa para fazer essa substituição do diesel em energia elétrica são abatidas 21 toneladas equivalente de gás carbônico. Essa é a proposta, ver a utilidade da energia local. Não adianta gerar biometano e queimar como foi o Protocolo de Quioto, na primeira fase, um verdadeiro estelionato nacional. Colocavam o biodigestor de qualquer jeito, faziam a emissão de gás, queimava o gás e pegava o crédito ou pensava que pegava o crédito. Estamos falando de um tipo de energia, um tipo de geração aplicada.

Como é a organização dos setores de biogás e reaproveitamento de dejetos no Brasil? Como é essa realidade em outros países?

Herlon: As pessoas que nos escutam acham que somos entusiasmados, sonhadores. Os europeus estão fazendo o que estamos falando, mas fazem com alimentos, pois não tem as mesmas condições de clima e de quantidades de animais que o Brasil possui. Estão fazendo com alimento e gerando energia elétrica, alguns filtrando o gás e usando o biometano, isso é constatável e visível. A Itaipu tem algumas unidades em que também é possível constatar isso.

Cícero: É preciso disposição para organizar. Por exemplo, as cooperativas brasileiras são capazes de fazer coisas de organização que não imaginamos, elas colhem milho e vendem asinha de frango pré-cozida. Criam suínos e colocam o salame na pizza. Estão transformando toda a proteína animal em alimento. E elas estão altamente organizadas para fazer isso. Se chamarmos as cooperativas do Brasil para organizar esse setor primeiro e depois passar para as outras integradoras, já tem um avanço enorme e duvido que haja uma cooperativa que vá se negar a participar de uma proposta dessa.

Herlon: A inteligência do biogás hoje está dentro de Itaipu, na área de energias renováveis, no CIBiogás, que é um centro internacional que nós criamos junto com outras entidades para gerar expertise e disseminar no Brasil. Enfim, temos conhecimentos e meios da parte de inteligência do setor, agora cabe ao Governo Federal e aos ministérios criarem políticas que popularizem, que deem metas ao setor privado, que ponham créditos e qualifiquem os profissionais. Criar um programa nacional para qualificar engenheiros, agrônomos, pessoal do planejamento, entre outros. Tem que criar inteligência, da mesma forma que tem inteligência na produção de soja, de suínos e de outras atividades agrícolas e produtos, tem que gerar inteligência em biogás. Atualmente, há poucos profissionais que conhecem o biogás minimamente, quanto mais especializados.

Temos um projeto de biogás junto com a Embrapa, o BiogásFert, com forte aderência na Embrapa Suínos e Aves e outros centros da Embrapa que estão discutindo diretrizes para

aperfeiçoar a produção de biogás e gerar fertilizantes. As coisas estão acontecendo e existe conhecimento apropriado, o que precisa é organização para a criação de um projeto ousado.

Jornalista contratado pelo Projeto: Bruno Saviotti

(61) 8598-6889

imprensasuinosABC@gmail.com

O Projeto Suinocultura de Baixa Emissão de Carbono, coordenado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento com apoio do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), tem o intuito de, ao longo de um ano, avaliar e disseminar alternativas economicamente viáveis para o tratamento de dejetos na suinocultura, tecnologia esta preconizada pelo Plano de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono (Plano ABC). Para tanto, serão realizados levantamentos no Brasil e no exterior de modelos de tratamento, seguidos da avaliação econômica de cada um deles. Os modelos viáveis serão difundidos pelo Projeto por meio de Workshops nas principais regiões produtoras do Brasil.
